

RESENHAS

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. São Paulo: Artmed, 2011, 384 p.

O renomado pesquisador William A. Corsaro é referência mundial em pesquisas sobre culturas infantis em um campo que contemporaneamente é denominado de sociologia da infância. São objetos principais de suas investigações as relações entre as crianças, a vida das crianças e sua participação social. Há mais de 30 anos desenvolve investigações com crianças pequenas (em idade pré-escolar) nos Estados Unidos, Itália e Noruega. São estudos etnográficos sobre os quais se pode afirmar que o autor não faz pesquisas sobre as crianças, mas com as crianças, ou a partir das crianças. Esse posicionamento fez com que recentemente ele abordasse os temas metodologia e ética em suas pesquisas.

A tradução e publicação de *Sociologia da infância*, em 2011, foi um presente para as pesquisadoras e pesquisadores brasileiros que estudam a infância e culturas infantis, pois até então se tinha acesso à obra apenas em outras línguas.

A proposta da obra é estudar as crianças numa perspectiva sociológica em que o foco não está nas questões individuais e de preparação para o futuro, as quais consideram a socialização como a internalização, pelas crianças, dos conhecimentos, regras e normas adultas. Faz críticas às perspectivas sociológicas clássicas, reprodutivistas e da psicologia. Reconhece as contribuições dos modelos construtivistas de Piaget e Vygotsky, no entanto há também censuras a essa visão individualista e ao modelo linear de desenvolvimento.

Aponta uma distinção no campo da sociologia da infância entre pesquisas com abordagens macro e micro (estruturais), definidas por ele como social-psicológica. Em *Sociologia da infância*, o autor apresenta pesquisas que transitam pelas duas abordagens.

Os elementos centrais do livro são as relações construídas coletivamente pelas crianças entre si, com os adultos e como nessas relações a cultura é reproduzida, compartilhada, criada e recriada. Corsaro se envolve nas situações de brincadeira posicionando-se como um “adulto atípico” (destituído de poder), atitude que permite

uma relação de confiança com as crianças, o que lhe proporciona trânsito livre e um olhar diferenciado do universo infantil. Os exemplos de brincadeiras infantis e as descrições cuidadosas dos cadernos de campo do pesquisador trazem vida para as reflexões sobre a complexidade e diversidade da vida das crianças.

Vale-se do conceito de “reprodução interpretativa”, por ele criado – que expressa no termo “reprodução” a restrição das condições da estrutura social e de reprodução social, além dos processos históricos que constituem sociedades e culturas e afetam as crianças e infâncias como suas integrantes –, para lembrar que “as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudança culturais” (p. 32). A inovação e a criatividade advindas da participação social das crianças seriam expressas pelo termo “interpretativa”.

Discute o efeito das forças sociais sobre a infância e da infância sobre as forças sociais. Procura situar e contextualizar a infância com base em uma perspectiva histórica e cultural. Propõe tentar compreender as mudanças econômicas, sociais e culturais pelas próprias crianças, tendo como foco as famílias ocidentais, embora também traga alguns exemplos da África. Assinala como principais mudanças no cotidiano familiar a diminuição do número de filhos, o aumento do número de horas em que os pais permanecem no trabalho e a crescente institucionalização das atividades de lazer das crianças.

Explora as metodologias de pesquisa que têm como ponto de partida a infância como estrutura social e as relações de reciprocidade em que “as crianças afetam e são afetadas pela sociedade” (p. 57). Faz um alerta sobre as necessidades de adaptação dos métodos já utilizados em pesquisa com adultos e sinaliza com a possibilidade de novos métodos, com utilização de gravações audiovisuais e desenhos infantis.

Outro conceito muito presente nessa obra é o de cultura de pares, pois segundo Corsaro (p. 94-95),

[...] as crianças não se desenvolvem simplesmente como indivíduos, elas produzem coletivamente culturas de pares e contribuem para a reprodução de uma sociedade ou cultura mais ampla [...] É particularmente importante a ideia de que as crianças contribuem com duas culturas (a das crianças e a dos adultos) simultaneamente.

Apresenta o papel da família e das rotinas familiares como um espaço importante para a iniciação na cultura de pares, mas acentua que para o desenvolvimento das culturas infantis há a necessidade do convívio com outras crianças. Argumenta que o espaço público vai oferecer às crianças experiências ricas e diferentes dos possíveis no espaço privado. Chama a nossa atenção para a interdependência existente entre as culturas adulta e infantil.

Aponta que as culturas infantis têm um universo simbólico específico (figuras míticas: fadas, monstros, dragões, Papai Noel etc.) e também apresenta exemplos de outras culturas em que os personagens fantásticos também estão presentes e relata como adultos e crianças maiores lidam com esse universo imaginário.

Destaca que além dos brinquedos há uma série de materiais e ferramentas (livros, lápis de cor, canetinhas, tintas e papéis) dos quais as crianças se valem para produzir vários artefatos da cultura material da infância (desenhos, pinturas, esculturas de blocos etc.). A relação das culturas infantis com o consumo é sabiamente explorada pelo *marketing*, que observa as crianças, as leva a sério e entende que elas são consumidoras com grande poder de compra e convencimento dos pais. Constata que brinquedos produzidos para as crianças, assim como outros materiais fabricados pelos adultos, muitas vezes adquirem outros usos inventados por elas mesmas.

Exemplifica, com relatos de diversas brincadeiras, os esforços das crianças em controlar a própria vida e de compartilhar esse controle com seus parceiros.

Com as crianças de 3 a 6 anos, aponta as diversas formas e jogos que envolvem a proteção do espaço de interação, às vezes com restrição ao acesso de algumas crianças, que por sua vez criam estratégias de acesso que são negociadas com o grupo.

[...] ao proteger seus espaços interativos, as crianças acabam percebendo que podem gerenciar suas próprias atividades. Ao negociar quem brinca e quem não brinca, quem está no grupo e quem não está, as crianças começam a compreender suas identidades sociais em desenvolvimento. Tal diferenciação entre pares se torna mais importante ao longo dos anos pré-escolares e é um processo na cultura de pares pré-adolescentes. (Corsaro, 2011, p. 165)

As brincadeiras são assim marcadas por rituais, rotinas de compartilhamento e jogos de linguagem que muitas vezes são também formas de lidar com os medos e preocupações da vida cotidiana (como nos jogos de fugir de monstros). Os vínculos de amizade que surgem dessas interações têm variações conforme os contextos sociais e culturais em que vivem as crianças. Chama a atenção do leitor para o papel da resistência e do confronto com a autoridade do adulto no comprometimento e coesão dos grupos infantis, além do “forte desejo de partilha e participação social”.

Verifica que, no entanto, o confronto e os conflitos não emergem somente em relação aos adultos. As diferenciações de gênero, classe social e questões etnorraciais estão presentes no universo das crianças. Em suas pesquisas com crianças italianas, ressalta o caráter público e dramático das discussões. Já em pesquisa realizada com crianças afro-americanas, o destaque fica por conta da forma jocosa como é encaminhada a discussão verbal entre elas. A intensidade e o envolvimento emocional chamaram a atenção na investigação, que envolveu crianças norte-americanas de classe média alta.

Embora Corsaro focalize em suas pesquisas as crianças em idade pré-escolar, a faixa etária definida por ele como infância, “para os propostos deste livro” a idade vai do nascimento aos 13 anos. Discorre a respeito da cultura de pares de pré-adolescentes (7 a 13 anos) apoiado em pesquisas realizadas por outros estudiosos e pontua a resistência às normas adultas e o fortalecimento das relações de amizade como características marcantes das culturas de pares pré-adolescentes. Com muito cuidado para não generalizar, assinala que nesse período pode haver um aprofun-

damento das separações por classe, gênero e etnia, pois os pré-adolescentes tentam estabilizar sua identidade.

Ao longo de todo o livro, encontramos reflexões sobre as relações de interdependência da infância e sociedade. Na parte final, Corsaro se dedica a discutir as maneiras como as crianças são atingidas por mudanças na ordem social, política e econômica.

Debate sobre como os problemas sociais são vivenciados pelas crianças, e por esse ponto de vista aborda as mudanças nas estruturas familiares, como o grande número de divórcios, presença feminina no mercado de trabalho, gravidez na adolescência e o papel dos avôs no apoio e atenção às crianças nessas novas configurações. Amplia a discussão com debates sobre as políticas públicas de apoio à maternidade e a pequena infância nos Estados Unidos e no mundo.

Reconhece que a infância é na estrutura social o grupo mais vulnerável nas situações de extrema pobreza e violência. Com base nessa perspectiva, aborda temas como abuso infantil, pobreza e trabalho infantil.

Trata de questões relativas aos direitos das crianças e, com uma esperança quase ingênua, apela para que o bom senso adulto leve a infância em conta nos debates políticos.

Por fim, após esse breve panorama do livro *Sociologia da infância*, só se pode dizer que, se você, assim como Corsaro, pensa que “o futuro da infância é o presente”, vai encontrar apoio para aprofundar os estudos e conhecer mais sobre a infância contemporânea e as relações de reciprocidade que a infância estabelece com a sociedade.

ELINA ELIAS DE MACEDO é doutoranda em educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

E-mail: elinamac@gmail.com

Recebido em fevereiro de 2012

Aprovado em abril de 2012